

A RELAÇÃO ENTRE BEM E BELO NO PENSAMENTO DE TOMÁS DE AQUINO*

THE RELATIONSHIP BETWEEN BEAUTY AND GOOD IN THE THOUGHT OF THOMAS AQUINAS

Natan Fantin**

RESUMO

O objetivo deste artigo é examinar a relação entre o bem (*bonum*) e o belo (*pulchrum*) no pensamento de Tomás de Aquino, situando-a no contexto mais amplo da teoria dos transcendentais. Busca-se compreender se o belo pode ser considerado uma propriedade transcendental do ser, conversível com o bem, o verdadeiro e o uno. A metodologia adotada consiste em uma pesquisa conceitual e exegética nas obras *Suma teológica* e *De veritate*, nas quais Tomás de Aquino elabora sua doutrina dos transcendentais. Inicialmente, realiza-se uma análise histórica sobre o surgimento dessa teoria e sua recepção na filosofia medieval, destacando as influências aristotélicas e neoplatônicas. Em seguida, procede-se à caracterização da noção de beleza e à discussão do conceito de adequação (*adaequatio*), fundamental para compreender a proporção e o esplendor como critérios do belo. Examina-se ainda o método de redução (*via resolutionis*), utilizado por Tomás na investigação dos transcendentais, e realiza-se uma leitura exegética de passagens que tratam da conversibilidade entre o bem e o belo. Por fim, o estudo apresenta considerações sobre a possibilidade e os limites da transcendentalidade do belo no pensamento tomista.

PALAVRAS-CHAVE: beleza; transcendentais; filosofia medieval; metafísica.

ABSTRACT

The purpose of this article is to examine the relationship between the good (*bonum*) and the beautiful (*pulchrum*) in the thought of Thomas Aquinas, situating it within the broader context of the theory of transcendentals. The study seeks to understand whether beauty can be regarded as a transcendental property of being, convertible with the notions of good, truth, and unity. The adopted methodology is conceptual and exegetical research based on the works *Summa theologiae* and *De veritate*, where Aquinas develops his doctrine of the transcendentals. Initially, a historical analysis of the emergence of this theory and its reception in medieval philosophy is presented, emphasizing Aristotelian and Neoplatonic influences. Then, the concept of beauty is characterized, and the notion of adequacy (*adaequatio*) is discussed as a key element for understanding proportion and radiance as criteria of the beautiful. The study also examines the method of reduction (*via resolutionis*) used by Aquinas in the investigation of transcendentals and offers an exegetical reading of passages concerning the convertibility between the good and the beautiful. Finally, the article presents considerations about the possibility and the limits of the transcendental status of beauty within thomistic thought.

KEYWORDS: beauty; transcendentals; medieval philosophy; metaphysics.

* Artigo recebido em 15/09/2025 e aprovado para publicação em 10/11/2025.

** Mestrado em Filosofia pela Universidade Federal da Fronteira Sul. Graduação em Filosofia pela mesma Universidade. E-mail: natanfantin@gmail.com.

INTRODUÇÃO

O objetivo mais amplo deste artigo é analisar a noção de belo nos escritos de Tomás de Aquino. Sendo o intento mais específico investigar seus escritos em que há relação entre a noção de belo com a noção de bem. Primeiro, será abordada brevemente as várias influências que fizeram com que surgisse a teoria dos transcendentais, que posteriormente foi recebida e desenvolvida pelos filósofos medievais. Segundo, será feita uma análise de alguns textos que referenciam o tema na Idade Média, sendo que a aproximação exegética se dará em dois textos de Tomás de Aquino, a saber, *Suma teológica* (2016) e *De veritate* (2019).

A questão sobre a transcendentalidade do *pulchrum* (o belo) no pensamento de Tomás de Aquino nos coloca frente a um paradoxo. O tema do *pulchrum* ocupa um lugar marginal em sua obra: Tomás não dedica uma única *quaestio* separada a esse tema; em nenhum dos três textos em que o Aquinate aborda, em conjunto, a teoria dos transcendentais, a saber, *In I Sent.* d. 8, q. 1, a. 3, *De Veritate* q. 1, a. 1 e *De Veritate* q. 21, a. 1, o *pulchrum* é mencionado como uma propriedade transcendental; por fim, em nenhum outro texto, a transcendentalidade do *pulchrum* é explicitamente estabelecida. Contudo, nas investigações tomistas do século XX, nenhum outro transcendental é mais estudado do que o *pulchrum*, sendo que a maioria dos estudiosos modernos afirma a transcendentalidade desta noção (Leite, 2009, p. 233).

O objetivo deste artigo é apenas expor a temática sem pretensões de solução, abordando alguns conceitos-chave da filosofia de Tomás de Aquino e levantando o questionamento sobre a transcendência da noção de belo na filosofia tomasiana. Sendo esse, no século XXI, um dos assuntos mais discutidos da filosofia de Tomás de Aquino (Leite, 2009, p. 234).

1 O SURGIMENTO DA TEORIA DOS TRANSCENDENTES E SUA RECEPÇÃO NO MEDIEVO

Na tradição teológico-filosófica medieval, estabeleceu-se uma doutrina segundo a qual as criaturas participam de seu Criador simplesmente por existir. Se Deus é a fonte de todo ser, diz o raciocínio, então tudo o que existe refletirá alguma coisa de Deus, assim como uma obra de artífice humano reflete alguma coisa do seu criador. Essa “alguma coisa” em questão não é nada específico como cor, tamanho, peso ou qualquer outra qualidade que possa ser percebida pelos sentidos. Pelo contrário, a criatura participa não das propriedades deste ou daquele tipo de ser, mas das propriedades do próprio ser, o que os filósofos medievais chamavam de

“transcendentes”. Os transcendentais são propriedades que excedem, vão além, da classe específica de seres, ou seja, das categorias aristotélicas, tais como quantidade, qualidade, relação etc. Não obstante isso, os transcendentais são afirmados no que se refere a todos os entes.

Os três elementos transcendentais mais importantes na tradição filosófica são a tríade platônica: “verdade, bondade e beleza”. A ideia básica encontrada no diálogo platônico *O banquete*, em que podemos afirmar que o “ser” se apresenta sob determinado aspecto (Platão, 1968 *apud* Aersten, 2008, p. 6). Nesse sentido, alguma coisa é “verdade” porque se revela, apresenta-se como cognoscível; é “bom”, porque se dá a si mesmo, apresenta-se como desejável; é “belo”, porque fascina, apresenta-se como prazeroso. Verdade, bondade e beleza são aspectos de qualquer ser, seja ele qual for. Com referência à tradição teológico-filosófica medieval, poderíamos afirmar, portanto, que todo existente partilha analogamente de certos atributos com o Criador. Na filosofia medieval estes conceitos transcendentais são considerados os mais gerais, por serem os primeiros em seu aspecto cognoscitivo, são eles ente, uno, verdadeiro e bem.

O surgimento da teoria dos transcendentais no século XIII se dá mediante a tradução para o latim da obra *Metafísica* de Aristóteles, sendo que, nessa obra, Aristóteles afirma a transcendência do ente e do uno, o que deu ensejo para o desenvolvimento no medievo de outras duas noções, o verdadeiro e o bom. Importante ressaltar que Tomás de Aquino não escreveu um texto específico sobre a temática dos transcendentais. Contudo, em várias de suas exposições é possível encontrar sua teoria dos transcendentais. Tomás de Aquino foi muito influenciado pela filosofia aristotélica. Seu diálogo se deu com vários interlocutores latinos; para citar alguns deles, Felipe o Chanceler, Alexandre de Hales e Alberto Magno.

Além da influência aristotélica, mediante os árabes, a filosofia medieval foi, de igual modo, influenciada pelo neoplatonismo. Jan A. Aersten (1996, p. 6-8) descreve a recepção da tradição platônica do pensamento sobre o belo transmitido à Idade Média por meio de duas avenidas que remontam, respectivamente, a Agostinho e a Dionísio Areopagita. Cito Aersten sobre a recepção desses escritos por Alberto Magno e Tomás de Aquino:

O pensamento medieval sobre a beleza foi parte da recepção de Dionísio. “Fazer filosofia” na Idade Média consistia antes de tudo em comentar textos de referência sobre uma questão. Alberto Magno e Tomás de Aquino, os quais desempenharam um papel proeminente na recepção das obras de Aristóteles, ocuparam-se intensamente também do *corpus dionysiacum*. Seus comentários a *De divinis nominibus* dão testemunho deste processo de assimilação (Aersten, 2008, p. 8).

Sendo que o nosso objetivo é analisar a obra *Suma teológica* (Tomás, 2016), a questão que deve ser levantada é, como foi referido na introdução, se a noção de belo pode ser considerada como um dos transcendentais do ser. Alguns comentadores no século XX sustentaram a posição de que o belo não apenas detém um lugar distinto na teoria dos “transcendentes”, mas possui até uma função sintética especial. Jan Aersten (2008, p. 11) cita três comentadores, dois filósofos e um teólogo que defendem essa tese, são eles Jacques Maritain, Umberto Eco e Hans-Ulrich von Balthasar:

Em seu influente livro *Art and Scholasticism*, Jacques Maritain afirma que o belo pertence à ordem dos transcendentais: “Ele é, na verdade, o esplendor de todos os transcendentais juntos”. Hans-Ulrich von Balthasar compôs uma notável trilogia na qual o todo da teologia é considerado à luz da tríade “verum – bonum – pulchrum”. Este último transcendental é para ele o mais importante, porque o belo mantém os outros: ele confere ao bom a sua atração e ao verdadeiro a sua conclusividade. Von Balthasar refere-se ao “nascimento da estética transcendental” no século XIII quando, pela primeira vez na metafísica, os franciscanos formularam a visão de que o ser [being] enquanto tal é belo. Em seus estudos *Art and Beauty in the Middle Ages* e *The Aesthetics of Thomas Aquinas*, Umberto Eco dedica bastante atenção à questão que denomina “um dos maiores problemas da estética escolástica”, a saber, “o problema de integrar, em nível metafísico, a beleza com outras formas de valor”.

No próximo ponto, analisaremos como essa noção de belo pode ser caracterizada nos escritos de dois autores do medievo, Tomás de Aquino e Roberto Grosseteste.

2 CARACTERÍSTICAS DO BELO

Na obra *Suma teológica* I, q. 39, a.8, na *disputatio* sobre a questão a respeito da conveniência dos nomes essenciais, atribuídos às Pessoas da Trindade pelos santos Doutores, Tomás de Aquino (2016, p. 284) identifica três critérios ou condições para caracterização do belo.

A beleza ou especiosidade tem semelhança com os próprios do Filho. Pois, três condições exige a beleza. Primeiro, a integridade ou perfeição; donde vem que coisas mesquinhas são por isso mesmo feias. Segundo, a proporção devida ou consonância. E, por fim, o esplendor, que nos leva a chamarmos belas às coisas de colorido brilhante.

Tomás de Aquino, na passagem supracitada, refere-se à beleza como um nome essencial apropriado ao Filho, a segunda pessoa da Trindade. Sem considerar as nuances teológicas, o que se percebe é que a beleza é a correta proporção ou harmonia, totalidade ou integridade e claridade ou esplendor. O Aquinate deve os critérios de harmonia e de claridade

ao *De divinis nominibus* de Dionísio Areopagita, como exposto acima por Jan Aersten. Portanto, estes são os três critérios para a caracterização do belo em Tomás de Aquino. Podemos observar também que as duas primeiras caracterizações de beleza remetem a outro pensador do século XIII, Roberto Grosseteste (1986 *apud* Eco, 2010, p. 66), que declara que “a beleza é uma concordância e adequação de algo consigo mesmo e de cada uma de suas partes com elas mesmas e com todas as outras e com o todo, e desse todo com todas as outras coisas”.

Com a exposição das condições que algo deve cumprir para ser caracterizado como belo, nos excertos de Tomás de Aquino e Roberto Grosseteste, partimos para o próximo ponto, que é o conceito de adequação.

3 O CONCEITO DE ADEQUAÇÃO

A adequação designa uma relação vigente entre um todo e suas partes constituintes. Nesse sentido, o que é adequado é o que encontra o seu lugar no todo de modo correto. Dessa forma, juízos sobre adequação dependem da compreensão prévia que alguém tenha do todo. Em suma, o conceito de “adequação” deriva da relação entre as partes e o todo. Essa relação parte-todo é importante, porque como afirma Thiago Leite (2009, p. 4): “a única coisa que, de certo modo, é, por sua natureza, todas as coisas é a alma. Porém, existem duas potências na alma: a cognitiva e a apetitiva”. Sendo a alma todas as coisas, existe uma relação entre ela e as demais coisas. Nesse sentido, a alma é a única que pode se adequar a todas as demais coisas. Como afirma Aersten (1998 *apud* Leite, 2009, p. 5): “A perfeição de uma substância intelectual é que ela também seja capaz de assimilar as formas das outras coisas. Uma substância intelectual tem ‘mais afinidade’ com o todo das coisas do que qualquer outra substância”.

Tomás de Aquino identifica a potência cognitiva ao intelecto e a potência apetitiva à vontade. É importante ressaltarmos dois transcendentais antes de adentrarmos na noção de belo, propriamente dita. A alma humana mediante suas potências, cognitiva e apetitiva, se adequa respectivamente ao verdadeiro e ao bem. Nesse sentido, o verdadeiro, por um lado, adequa a coisa ao intelecto, e, por outro, o intelecto à coisa. Já o bem é uma inclinação à coisa que é perfeita, por conseguinte desejável.

Na sua obra *Suma teológica*, Tomás de Aquino (2016) trata dos princípios dos atos humanos, fazendo algumas distinções sobre isso. Primeiro, ele distingue princípios intrínsecos de extrínsecos. Nosso objetivo é tratar aqui dos princípios intrínsecos aos atos humanos. Sendo que o princípio intrínseco se divide em potência e hábito, anteriormente tratamos brevemente da potência; vejamos agora a discussão de Tomás de Aquino sobre o hábito. O tema da adequação está de certa forma vinculado à noção de hábito. Na *Suma teológica*, I, q.49, a.1, sobre a substância dos hábitos, ele escreve: “O nome hábito é derivado do verbo latino *habere*, ter, e isto de duplo modo. Ou no sentido em que dizemos tem o homem, ou qualquer outro ser, alguma coisa; ou porque um ser tem, em si mesmo ou em relação a outro, um certo feito” (Tomás, 2016, p. 291).

De modo geral, podemos dizer que esse filósofo na continuação da solução dessa disputa sobre a substância dos hábitos, informa que o verbo *ter* tem dois sentidos ou modos. Primeiro, como um dos predicados ou categorias desenvolvidas por Aristóteles. Segundo, o verbo *ter* é tido como uma disposição, estar em certa disposição em relação a si mesmo ou em relação a outro. Nesse segundo modo, do “hábito como disposição”, Tomás de Aquino (2016, p. 294) afirma que essa disposição ou estar em certo estado implica uma certa ordem.

E por isso não dizemos que alguém é disposto pela qualidade, senão em relação a alguma coisa. E se acrescentarmos bem ou mal, o que implica a noção de hábito, é necessário levemos em conta a ordem para a natureza, que é o fim. Por onde, não dizemos que alguém é bem ou mal disposto, pela figura, ou pelo calor ou frio, senão relativamente à ordem para a natureza da coisa, pertencem aos hábitos ou disposições. Pois, enquanto convenientes à natureza da coisa, a figura e a cor se incluem na beleza; o calor e o frio, na saúde. E deste modo a calidez e a frigidez o Filósofo as inclui na primeira espécie de qualidade.

Pode-se observar, na citação acima, que a beleza é vista como uma disposição de certa ordem, ou um estado adequado. Sendo a figura e a cor qualidades da natureza mesma da coisa, que estão em uma relação de adequação à beleza. O ponto dessa intrincada argumentação é a de que, aparentemente, a beleza quando colocada no plano metafísico faz com que esta seja algo que diz respeito à estrutura da realidade.

Nosso objetivo agora é explanar o método da *reductio*, usado por Tomás de Aquino, para investigar as noções transcendentais e descobrir se a noção de belo está presente junto das demais noções. Para isso será feito um breve resumo expositivo do texto *De veritate* de Tomás de Aquino (2016).

4 MÉTODO DE REDUÇÃO E A INVESTIGAÇÃO DOS TRANSCENDENTES

Partindo da pergunta “o que é”, Tomás de Aquino, no texto *De veritate* (2019) *q.1, a.1, co.*, fazendo uso do método de redução, inicia sua investigação acerca dos transcendentais. O método da redução atinge sua finalidade ao manifestar aquilo que primeiro cai na imaginação do intelecto. Seguindo Avicena, Tomás responde ser a noção de ente a que primeiro cai no intelecto. A essa noção, de ente, seguem-se todas as demais noções. Tendo o ente a primazia, as demais noções se originam por adição ao ente. Importante observarmos que a adição é puramente conceitual.

A derivação dos transcendentais só é possível do que já está contido na noção de ente, já que tudo que existe é ente. No texto *De veritate*, Tomás apresenta dois modos de acréscimo ao ente, a saber, o modo especial, referente aos gêneros e o modo geral, sendo o modo geral referente aos transcendentais, já que transcendem as categorias aristotélicas ou seus modos especiais. A derivação dos transcendentais se dá de dois modos, dependendo de como consideramos o ente. Primeiro, se o ente tomado em si mesmo, de forma absoluta; ou se relacionado a outro, de forma relacional.

Os transcendentais absolutos são ditos ou predicados de dois modos, por afirmação ou negação. De modo afirmativo, o ente diz possuir essência, tendo ser em ato, nesse caso, no modo especial, se diz coisa. O segundo modo de predicação é negativo, assim, surge a noção de uno, que significa indiviso em si. Já os transcendentais relacionais – ente em relação a outro – Tomás divide esse modo em divisão e conveniência. Na divisão o ente é dito dividido de outros, ou algo. De acordo com a conveniência, a relação acontece entre o ente e a alma humana, sendo que como foi afirmado acima, a alma é todas as coisas, portanto, existe uma relação entre ela e as demais coisas. Seguindo Aristóteles, Tomás considera as duas potências da alma – intelectiva e apetitiva – e identifica dois modos de conveniência. Primeiro, o ente se diz verdadeiro quando o intelecto apreende a noção de ente; essa apreensão aperfeiçoa o intelecto. Segundo, o ente se diz bom quando o ente se relaciona com a causa final, exprimindo assim a conveniência do ente ao apetite. São, portanto, as noções transcendentais expostas no texto *De veritate, q.1, a.1, co.*: ente, coisa, uno, algo, verdadeiro, bom. São essas as noções transcendentais que perpassam as categorias aristotélicas. Poderíamos afirmar que o belo, junto com as demais noções, tais como ente, uno, verdadeiro e o bem, advogaria, na obra do Aquinate, como uma noção transcendente?

Nosso próximo passo será analisar os textos procurando a relação do “belo” com um dos transcendentais listado acima, a saber, o “bem”. Podemos agora nos deter na formulação dada por Tomás de Aquino da conversibilidade do bem e do belo. A propósito da noção de conversibilidade, dois termos x e y são conversíveis se x implica y e y implica x .

5 A CONVERSIBILIDADE DO BEM E DO BELO NA *SUMA TEOLÓGICA*

O objetivo aqui é fazer uma exegese de dois textos da *Suma teológica* referentes ao belo e, por fim, concluir com alguns apontamentos referentes ao assunto. O primeiro deles está no livro I, q.5, a.4; “Se o bem tem, antes, a natureza da causa final do que as demais causas”, Tomás (2016, p. 56-57) escreve em resposta à primeira objeção:

O belo e o bem, considerados em relação ao sujeito, se identificam, porque têm o mesmo fundamento – a forma; e, por isso, o bem é louvado como belo. Mas, racionalmente, diferem, pois o bem, propriamente, se refere ao apetite, sendo o que todos os seres desejam; e, portanto, exerce a função de fim, porque o apetite é um como que movimento para a realidade. O belo, porém, diz respeito à faculdade cognoscitiva, pois chamam-se belas às coisas, que, vistas, agradam. E, por isso, o belo consiste na proporção devida; pois os sentidos se deleitam com os seres, devidamente proporcionados, como se lhes fossem semelhantes; porque eles, ao modo de toda virtude cognoscitiva, são, de certa maneira, proporção. Ora, o conhecimento implicando assimilação, e esta supondo uma forma, o belo depende, propriamente, da noção de causa formal.

No trecho citado, Tomás de Aquino discute sobre a causalidade da noção de bem, ou seja, essa noção pertence a que tipo de causa. O primeiro argumento a favor defende que o bem e o belo são uma e a mesma coisa na realidade. “Pois, como diz Dionísio, o bem é louvado como belo. Ora, este implica a natureza da causa formal. Logo, o bem implica igualmente essa natureza” (Tomás, 2016, p. 56).

O uso do termo forma para Tomás de Aquino é a forma substancial, sendo a forma, em vários momentos, considerada como essência, passível, portanto, de definição. Conquanto, Aquino argumenta em resposta que o belo e o bem são o mesmo no sujeito, já que ambas repousam sobre o mesmo fundamento, ou seja, têm uma base comum. Esse fundamento é a forma, sendo que um pode ser predicado do outro, quando dizemos belo queremos dizer bem, quando dizemos bem, queremos dizer belo. A diferença entre ambas se dá racionalmente, e não na realidade mesma. Essa diferença se dá na ordem das potências, sendo o bem

relacionado à potência apetitiva, e o belo relacionado à potência cognitiva, sendo a apetitiva vinculada à causa final e a cognitiva à causa formal.

Outro trecho da obra *Suma teológica* (2016) está na *Prima Secundae*, q.27, a.1, ad.3; “Se o bem é a única causa do amor”, Tomás (2016, p. 182) escreve em resposta à terceira objeção:

Idêntico ao bem, o belo só racionalmente dele difere. Pois, sendo o bem o que todos os seres desejam, é da sua essência acalmar o apetite; ao passo que é da essência do belo causar o repouso da apreensão que o vê ou o conhece. Por onde, vêm o belo principalmente os sentidos mais susceptíveis de conhecimento, a saber, a vista e o ouvido, que servem à razão; assim, dizemos – belas vistas e belos sons. Em relação aos sensíveis porém dos outros sentidos, não usamos do nome de beleza; assim não dizemos belos sabores nem belos odores. Por onde é claro, que o belo acrescenta ao bem uma certa ordem à virtude cognoscitiva, de modo que bem se chama que absolutamente agrada ao apetite, e belo aquilo cuja apreensão agrada.

Este artigo levanta o seguinte questionamento, parece que o bem não é a causa do amor. E sobre isso, a terceira objeção se dá nestes termos: “Demais – Dionísio diz que não só o bem, mas ainda o belo é amável a todos. Mas, em contrário, diz Agostinho: Certamente não é amado senão o bem. Logo, esta é a causa do amor” (Tomás, 2016, p. 181-182).

Tomás de Aquino responde essa objeção usando do princípio da identidade, afirmando que o belo é idêntico ao bem, sendo diferenciado apenas racionalmente. É importante observar que o filósofo afirma também que o belo indica que o apetite repousa no seu conhecimento. Esse conhecimento do belo vem pelos sentidos mais suscetíveis ao conhecimento, são eles visão e audição, e não ao olfato ou tato. Por isso, fazemos juízos estéticos como, “que bela paisagem”, ou que “bela música”, e não fazemos juízos como “que belo aroma”. Aqui, no entanto, evidencia-se que o belo acresce ao bem a ideia de relação à virtude cognoscitiva, sendo que o bem se denomine aquilo que agrada ou satisfaz por si mesmo; por outro lado, o belo é aquilo que agrada ou satisfaz a percepção. Sobre essa relação de adequação e fruição escreve Umberto Eco (2010, p. 116):

Santo Tomás faz menção também a uma proporção psicológica como adequação da coisa à capacidade de fruição do sujeito – derivação das teorias boecianas e agostinianas, e, definitivamente, contribuição ao problema de uma relação entre o cognoscente e conhecido. Diante da regularidade objetiva dos fenômenos percebidos, o sentido revela uma tal conaturalidade à proporção fruída que ele mesmo pode ser considerado uma proporção.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a exegese de algumas porções, da obra *Suma teológica* (2016), podemos concluir com alguns apontamentos referentes à noção de belo nessa obra. Nestas considerações, ressalta a conversibilidade entre o belo e o bem. Tomás de Aquino diz que o belo e o bem são idênticos no sujeito e, nesse sentido, são conversíveis entre si, porém, diferem conceitualmente. Com efeito, os transcendentais não estão separados entre si, mas explicam progressivamente a noção de ente. Há, de fato, uma ordem entre as noções transcendentais, mediante a qual o posterior inclui conceitualmente o anterior. Nesse sentido, não há motivos que justifiquem a postulação de uma noção transcendental que exerça uma função de síntese.

De fato, Tomás de Aquino nunca se preocupou em tematizar propriamente o *pulchrum*. Porém, o comportamento dos críticos sinaliza a uma tendência a conceder a essa noção uma importância que nunca teve para o próprio Aquino. Ao que tudo indica, essa tendência tem por objetivo a tentativa de desenvolver uma estética filosófica a partir de princípios escolásticos. Não obstante, sabe-se que, apenas no século XVIII, a Estética figura como uma disciplina filosófica independente. Foi apenas no período após a Idade Média que a tríade *verum-bonum-pulchrum* foi desenvolvida (Leite, 2009, p. 243).

Como vimos nos dois textos que analisamos, surge a indagação: qual a relação que existe entre o belo e os outros transcendentais? Vimos que há conversibilidade entre o belo e o bem; contudo, qual a relação que o belo tem com a noção de ente? Sendo que para ser um transcendente é necessário que certa noção acrescente, de modo geral, algo conceitualmente à noção de “ente”, e isso, notadamente, a noção de belo não faz.

Se o belo é um transcendente distinto, como afirmam Jacques Maritain, Umberto Eco e Hans-Ulrich von Balthasar, então ele deve adicionar conceitualmente um valor aos outros transcendentais – especialmente à noção de ente – que não pode ser reduzido a outro transcendente. Ou seja, o argumento é de que o belo, ao adicionar conceitualmente um valor ao bem, consequentemente o ente e os demais transcendentais receberiam esse valor conceitual. A questão é se isso é de fato assim.

Por fim, cabe lembrar que, apenas com Kant, essa tríade atinge seu ápice. Com efeito, no projeto crítico kantiano, ao *pulchrum* (Crítica da Faculdade do Juízo) é concedido um estatuto igual e independente tanto do *verum* (Crítica da Razão Pura) quanto do *bonum* (Crítica da Razão Prática). Assim, a tentativa dos comentadores em projetar anacronicamente essa tríade no pensamento de Tomás de Aquino tem mais afinidade com um projeto estético da modernidade do que com a teoria medieval dos transcendentais (Leite, 2009, p. 244).

De acordo com que foi exposto, não é possível a asserção de que o belo é um dos transcendentais. Tal asserção é questionada quando se percebe o anacronismo dos estudiosos que buscam interpretar a filosofia medieval com categorias modernas. Visto que, em uma primeira aproximação, todos adentramos o círculo hermenêutico de um “lugar” específico e com categorias específicas. De antemão, afirmamos que o objetivo deste artigo é apenas expor a temática sem pretensões de solução. Logo, para responder ao questionamento sobre a transcendência da noção de belo na filosofia tomasiana de forma mais convincente seria necessária uma análise bibliográfica mais extensa da obra do Aquinate.

REFERÊNCIAS

AERSTEN, J. A tríade Verdadeiro-Bom-Belo: o lugar da beleza na Idade Média. **Viso: Cadernos de estética aplicada**, Rio de Janeiro, v. II, n. 4, p. 1-19, 2008.

AERSTEN, J. **Medieval philosophy and the transcendentals**: the case of Thomas Aquinas. Leiden; New York; Köhn: Brill, 1996.

ECO, U. **Arte e beleza na estética medieval**. Rio de Janeiro: Record, 2010.

LEITE, T. A questão da transcendentalidade da noção de pulchrum na filosofia de Tomás de Aquino. **Intuitio**, Porto Alegre, v. II, n. 1, p. 233-244, 2009.

TOMÁS de Aquino. **De veritate**. Questões disputadas sobre a verdade. Campinas: Ecclesiae, 2023.

TOMÁS de Aquino. **Suma teológica**. 4. ed. 5 vol. São Paulo: Ecclesiae, 2016.